

Monique Pinheiro dos Santos

**IDENTIDADE INDÍGENA E PARATEXTOS EM *MEU QUERIDO*
CANIBAL DE ANTÔNIO TORRES NA TRADUÇÃO DE
DOMINIQUE STOENESCO**

Trabalho de Conclusão de Curso
submetido(a) ao Departamento de
Letras Francês da Universidade
Federal de Santa Catarina para a
obtenção do Grau de Bacharel em
Letras Francês.

Orientadora: Profa. Dra. Luciana
Wrege Rassier.

Florianópolis
2017

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor
através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária
da UFSC.

A ficha de identificação é elaborada pelo próprio autor
Maiores informações em:
<http://portalbu.ufsc.br/ficha>

Monique Pinheiro dos Santos

**IDENTIDADE INDÍGENA E PARATEXTOS EM *MEU QUERIDO*
CANIBAL DE ANTÔNIO TORRES NA TRADUÇÃO DE
DOMINIQUE STOENESCO**

Este Trabalho de Conclusão de Curso foi julgado adequado para obtenção do Título de “Bacharel em Letras Francês” e aprovado em sua forma final pelo Departamento de Letras Francês.

Local, 07 de julho de 2017.

Prof. Ronaldo Lima, Dr.
Coordenador do Curso

Banca Examinadora:

Prof.^a Luciana Wrege Rassier, Dr.^a
Orientadora
Universidade Federal de Santa Catarina

Prof. Ronaldo Lima, Dr.
Universidade Federal de Santa Catarina

Tiago Costa Pereira, Doutorando-PGET.
Universidade Federal de Santa Catarina

AGRADECIMENTOS

Agradeço, primeiramente, a Deus por ter me dado forças para seguir em frente, para ultrapassar cada obstáculo, e por ter colocado pessoas tão maravilhosas no meu caminho.

Agradeço a minha mãe, Mirta Florência Pinheiro, por tudo, por me acompanhar sempre, por me incentivar. Ao meu padrasto, João Batista da Silva, que também me apoiou. A minha avó, Florência Mendes Pinheiro, que me ajudou muito, não somente durante essa etapa, mas durante toda a minha vida. Aos meus padrinhos, Maria Nair Vieira Pinheiro e Jorge Pinheiro Filho, que também me ajudaram em várias etapas da minha vida, em especial durante este curso.

Agradeço aos meus professores, principalmente, minha orientadora Profa. Dra. Luciana Rassier, por toda a atenção, paciência e dedicação.

E agradeço, também, aos colegas de curso, principalmente, àqueles com os quais desenvolvi uma grande amizade, e que fizeram essa caminhada de aprendizado muito mais valiosa.

“Renda-se, como eu me rendi.
Mergulhe no que você não conhece como eu
mergulhei. Não se preocupe em entender,
viver ultrapassa qualquer entendimento”.

Clarice Lispector

“A literatura antecipa sempre a vida.
Não a copia, molda-a aos seus desígnios”.

Oscar Wilde

"Os bons e os maus resultados dos
nossos ditos e obras vão-se distribuindo,
supõe-se que de uma maneira bastante
uniforme e equilibrada, por todos os dias do
futuro, incluindo aqueles, infindáveis, em que
já cá não estaremos para poder comprová-lo,
para congratularmo-nos ou para pedir perdão,
aliás, há quem diga que é isto a imortalidade
de que tanto se fala."

José Saramago

RESUMO

O presente trabalho de conclusão de curso propõe uma análise do diálogo entre literatura e história a partir da representação do líder indígena Cunhambebe, apresentado por Antônio Torres no romance *Meu querido canibal* (2000), traduzido em língua francesa por Dominique Stoenesco em 2015, com o título de *Mon cher cannibale*. Para tanto, o estudo baseia-se nas teorias de Gérard Genette (2009), sobre paratextos, e de Yustes Frías (2007), sobre paratradução. A abordagem escolhida para realizar a análise da obra de Torres apoia-se na questão identitária, com base nas reflexões de Zilá Bernd (2003). Reflete-se sobre a figuração identitária indígena, através da figura de Cunhambebe, nessa narrativa ficcional. O trabalho organiza-se em quatro partes. A primeira consiste em uma introdução, na qual trazemos dados históricos e demográficos relativos ao povo indígena; na segunda parte, apresentamos as grandes linhas da obra de Antônio Torres; na terceira, analisamos trabalhos acadêmicos consagrados ao *Meu querido canibal*; e, finalmente, na quarta parte, apresentamos a análise dos paratextos da edição brasileira e de sua tradução francesa, bem como, da representação de Cunhambebe.

Palavras-chave: Literatura brasileira traduzida. Literatura e História. Identidade Indígena. Paratextos.

RÉSUMÉ

Ce travail propose une analyse du dialogue entre littérature et histoire à partir du personnage du chef amérindien Cunhambebe présenté par Antônio Torres dans le roman *Meu querido canibal* (2000), traduit en langue française par Dominique Stoenesco en 2015, sous le titre de *Mon cher cannibale*. Pour ce faire, notre étude s'intéresse à la théorie de Gérard Genette (2009), concernant le paratexte, et à celle de Yustes Frías (2007), concernant la paratraduction. L'approche choisie pour analyser l'œuvre de Torres s'intéresse à des questions d'ordre identitaire à partir des idées développées par Zilá Bernd (2003). Nous nous interrogeons sur la figuration identitaire de l'amérindien à partir du personnage de Cunhambebe, tel qu'il apparaît dans ce roman. Notre travail s'organise en quatre parties. La première partie présente des données historiques et démographiques concernant les peuples amérindiens. Dans la deuxième partie, nous présentons les grandes lignes de l'œuvre d'Antônio Torres. La troisième partie est consacrée à l'étude d'articles universitaires portant sur *Meu querido canibal*, pour, ensuite analyser les paratextes des éditions brésilienne et française, aussi bien que la figuration identitaire de Cunhambebe.

Mots-clés: Littérature brésilienne traduite. Littérature et Histoire. Identité Indigène. Paratextes.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Capas brasileira e francesa de *Meu Querido Canibal*..... 30

Figura 2 – Contracapas brasileira e francesa de *Meu Querido Canibal*.31

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Dados demográficos da população indígena no Brasil 16

LISTA DE ABREVIATURAS E SIGLAS

Capes – Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior

FUNAI – Fundação Nacional do Índio

UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	12
2	PERCURSO DE ANTÔNIO TORRES.....	19
2.1	VISÃO GLOBAL DA OBRA.....	19
2.2	O ROMANCE MEU QUERIDO CANIBAL.....	22
3	REVISÃO DE LITERATURA, PARATEXTOS E IDENTIDADE INDÍGENA	27
3.1	ARTIGOS E RESENHAS CRÍTICAS SOBRE MEU QUERIDO CANIBAL.....	27
3.2	ANÁLISE DE PARATEXTOS: MEU QUERIDO CANIBAL E MON CHER CANNIBALE	29
3.3	IDENTIDADE INDÍGENA: CUNHAMBEBE.....	34
4	CONSIDERAÇÕES FINAIS	41
	REFERÊNCIAS	45

1 INTRODUÇÃO

Tendo sido bolsista de mestrado da Capes pelo Programa de Pós-Graduação em Linguística da UFSC, tendo dissertação defendida em junho de 2017, com título *Os efeitos de priming sintático intra e translinguístico no processamento de francês como L2*, tudo levava a crer que este trabalho de conclusão de curso seria nessa área. Porém, cursando a graduação em Letras – Francês, e através das aulas das disciplinas de Estudos Canadenses e Literatura Francesa III e IV, ministradas pela Profa. Dra. Luciana Wrege Rassier, orientadora desta pesquisa, surgiu o interesse pela literatura e, principalmente, pelas reflexões identitárias discutidas em sala. Tais discussões destacam a relação entre a literatura e outras áreas do conhecimento, como a filosofia (curso em que me graduei em 2011), e também as relações entre literatura e a vida, na perspectiva de reflexões como a de Chambard em *Lire c'est vivre plus*:

Nos expériences de la vie ne suffisent pas à vivre toutes les vies que nous aimerions vivre. Nous apprenons quelque chose de la vie en lisant. La littérature répond aux questions que nous n'osions pas nous poser, en pose de nouvelles, agrandit nos territoires intérieurs, élargit nos horizons (CHAMBARD, 2015, p 17).

Tendo participado das disciplinas acima mencionadas e de conferências e minicursos organizados pelo Núcleo de Estudos Canadense coordenado por Rassier e a partir de projetos de trabalho de conclusão de curso orientados por Rassier, como (a) *Littérature amérindienne du Québec: une lecture de "L'ancêtre du Caribou"* d'Armand McKenzie de Maria Cristina Neves Córdova (2014) e (b) *La littérature comme outil d'affirmation de l'identité amérindienne: renversements de perspectives dans Le Racisme est nouveau en Amérique* de Georges Suoui (2002) de Jean-François Mathieu Brunelière (2016), abordando a questão dos indígenas no Canadá, vimos na cultura indígena um objeto de pesquisa mais do que interessante.

Com o interesse pelas relações entre história e literatura e havendo no currículo do curso de Letras – Francês, aprovado pelo MEC, disciplinas de literatura ocidental, e portanto, também em língua portuguesa, apareceu o interesse de trabalhar esse tema através da leitura de uma tradução francesa da literatura brasileira. Através de outro desses trabalhos, (c) *Figurações Identitárias França-Brasil em O nobre*

sequestrador de Antônio Torres de Márcia Cristina Valle Tarquinio (2016), se mostrou a possibilidade de trabalhar as questões identitárias.

Com isso em mente, e o interesse pela história indígena, ainda pouco explorada, pelo menos no que diz respeito à visão e voz dos integrantes desse povo, e com a sugestão de leitura da professora Rassier em ler também, como no trabalho acima citado, um romance de Antônio Torres, surgiu a ideia de trabalharmos essa obra *Meu querido canibal* (2000) e sua tradução *Mon cher cannibale* (de Dominique Stoenesco 2015). Obra a qual traz à luz um personagem pouco lembrado pela história, mas que foi de grande importância para o povo indígena na época da chegada dos europeus, Cunhambebe, que liderou a chamada Confederação dos Tamoios em reação às invasões européias em território brasileiro no século XVI.

O objetivo inicial da pesquisa era trabalhar de maneira contrastiva a obra em português e a sua tradução para o francês, mas ao realizar a leitura atenta de *Mon cher cannibale*, percebendo que não havia muitas variações nas duas versões, optamos por dedicarmos-nos às relações entre história e literatura e às questões identitárias indígenas.

A importância do estudo relacionado à história e à identidade indígena se mostra já na criação da lei 11.645/2008 de obrigatoriedade do ensino da cultura indígena nos ensinos fundamental e médio:

Art. 1º O art. 26-A da Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, passa a vigorar com a seguinte redação:

“Art. 26-A. Nos estabelecimentos de ensino fundamental e de ensino médio, públicos e privados, torna-se obrigatório o estudo da história e cultura afro-brasileira e indígena.

§ 1º O conteúdo programático a que se refere este artigo incluirá diversos aspectos da história e da cultura que caracterizam a formação da população brasileira, a partir desses dois grupos étnicos, tais como o estudo da história da África e dos africanos, a luta dos negros e dos povos indígenas no Brasil, a cultura negra e indígena brasileira e o negro e o índio na formação da sociedade nacional, resgatando as suas contribuições nas áreas social, econômica e política, pertinentes à história do Brasil.

§ 2º Os conteúdos referentes à história e cultura afro-brasileira e dos povos indígenas brasileiros serão ministrados no âmbito de todo o currículo

escolar, em especial nas áreas de educação artística e de literatura e história brasileiras.” (BRASIL, Lei 11.645, 2008, art 1º)

A relevância da análise da identidade indígena e das representações que estão presentes no imaginário coletivo é sublinhada pelo documento da UNESCO de contrato de estudo para regulamentar a lei acima apresentada:

Sabe-se pouco e conhece-se mal a história e os modos de vida dos povos indígenas que vivem no Brasil. Embora haja avanços inegáveis na quantidade e na qualidade das informações disponíveis hoje sobre os povos indígenas, seja em termos do conhecimento acadêmico, tanto com profundidade histórica quanto densidade etnográfica, seja em termos de sua difusão pelos meios de comunicação, nas diferentes esferas de governo, na mídia, na escola e nos livros didáticos, o quadro de desconhecimento, ignorância e preconceito em relação aos povos indígenas permanece com amplas ramificações pela sociedade. Faltam informações e falta conhecimento ao mesmo tempo em que grassam intolerância e preconceito (MEC, 2012).

Os indígenas brasileiros habitavam essas terras muito antes da chegada dos colonizadores europeus. Sua origem é incerta, sendo que muitos afirmam que são originários deste mesmo continente, mas outros apontam para uma origem provinda da Ásia. Variadas são as hipóteses, apesar desta última ser a mais aceita. Uma das ideias enfatizadas pela história oficial é de que a denominação de “índio”, no entanto, teria sua origem do “equivoco” nas navegações de Cristóvão Colombo, pois ao chegar em terras da América, estaria convencido de que havia chegado às Índias. Pouco se sabe sobre esses povos antes da chegada dos europeus, visto que os ameríndios não dominavam a escrita. Sua história era transmitida através de lendas e mitos contados pelos mais velhos aos mais jovens. É a partir das cartas e relatos dos colonizadores que temos a noção de quem eram e como viviam. Nesses relatos, a perspectiva adotada enfatiza o exotismo e o desconhecimento da cultura desses povos, como constatamos na seguinte citação da carta de Pero Vaz de Caminha: “A feição deles é serem pardos, maneira de avermelhados, de

bons rostos e bons narizes, bem-feitos. Andam nus, sem nenhuma cobertura. Nem estimam de cobrir ou de mostrar suas vergonhas”.

O espaço dado à figura de Cunhambebe na história, por exemplo, é muito pequeno. Dentre as principais fontes podemos citar as cartas de Anchieta e Nóbrega, mas sua descrição aparece mais em relatos como o do francês André Thevet ou do alemão Hans Staden.

Thevet, referindo-se ao indígena como Quoniambec, o retrata “como uma monarca detentor de jurisdição sobre todo o território, especialmente temido e venerado”. Ele também “destaca-se por suas hipóboles – descreve Cunhambebe como um homem enorme, exageradamente paramentado”. Já Staden o descreve – Konian Bebe – “como um grande tirano, e se espanta diante da frieza com que ele parece executar e devorar seus inimigos” (PERRONE-MOISES; SZTUTMAN, 2010, p. 407). Uma das características mais predominante em relatos relacionados aos indígenas era a antropofagia, considerada como indicador de barbarismo “[les] observateurs français (Jean de Léry, André Thevet), portugais (Jose de Anchieta) ou allemands (Hans Staden) ont tous insisté sur l’importance des rituels anthropophagiques fondés surtout sur la vengeance” (BENNASSAR, 2011, p. 22).

Cunhambebe foi um dos líderes da Confederação dos Tamoios que teria sido criada, presumivelmente, no ano de 1554, tendo subsistido até 1567, quando Estácio de Sá, sobrinho de Mem de Sá, derrotou indígenas e franceses na batalha de Uruçumirim, com o apoio de chefe temiminó Arariboia. Segundo o historiador Edmundo Muniz, a Confederação dos Tamoios representa “um dos episódios mais importantes do Brasil no começo da colonização européia” (MUNIZ, apud MAGALHÃES, 1994, p. 403). Mas, assim como outros episódios da historiografia oficial, também apresenta poucas fontes, como ressaltam Perrone-Moises e Sztutman (2010):

As fontes são escassas: dispomos apenas de cartas, informações e crônicas jesuíticas da década de 1560, marcadas por um forte viés ideológico. De saída, a descrição que elas oferecem para a aliança entre Tupi e franceses é carregada pelo sentimento de oposição aos calvinistas, exacerbado nas guerras de Religião, bem como pela imagem de ausência de organização por parte dos indígenas (PERRONE-MOISES; SZTUTMAN, 2010, p. 403).

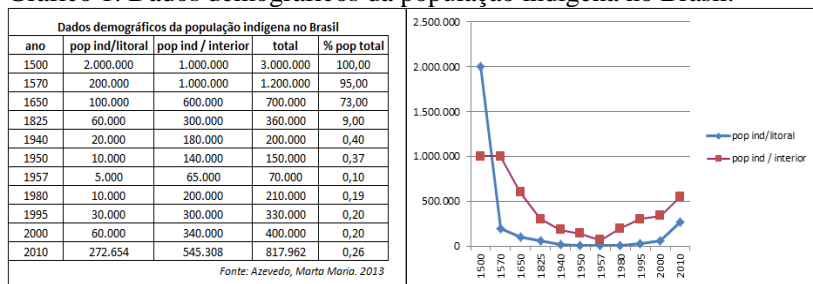
Para Perrone-Moisés e Sztuman (2010), os documentos através dos quais podemos ter algum contato com ela são “sobretudo de

documentos produzidos pelos missionários da Companhia de Jesus, na forma de cartas, informações e crônicas” (PERRONE-MOISES; SZTUTMAN, 2010, p. 403). Apesar de toda a indeterminação contida nos documentos existentes, um ponto pode ser afirmado: a guerra dos Tamoios “não foi uma guerra de ‘índios’ contra ‘europeus’”. A partir das descrições contidas nas fontes percebe-se, segundo esses mesmos autores, que a guerra que estourou na região da Guanabara estava configurada como um duplo sistema de alianças, com indígenas e europeus em ambos os lados. “De um lado, os chamados Tupiniquim e os Temiminó com seus aliados portugueses, de outro, os chamados Tamoio (ou Tupinambá) e seus aliados franceses” (PERRONE-MOISES; SZTUTMAN, 2010, p. 403).

Diante do acima exposto, fica evidente que a história da Confederação dos Tamoios e daqueles que fizeram parte dela teve espaço essencialmente em alguns relatos da época. Mais de cinco séculos após a chegada dos colonizadores, o desconhecimento dos povos indígenas e da riqueza de sua diversidade cultural subsistem, embora se disponha de dados quantitativos.

Atualmente, segundo o site da FUNAI, a partir do Censo Demográfico realizado pelo IBGE em 2010, a população brasileira é de 190.755.799 milhões de pessoas, sendo que 817.962 mil são indígenas, os quais representam 305 etnias distintas, e das quais são registradas 274 línguas diferentes. Essas populações estão distribuídas em todas as regiões brasileiras, sendo em maior número na região Norte que contabiliza aproximadamente 34,7% do total. O gráfico abaixo mostra as supostas mudanças quantitativas da população indígena desde a chegada dos europeus ao Brasil até a atualidade. Cabe ressaltar que os dados daquela época são apenas suposições baseadas em relatos e na história oficial e que os dados atuais não contemplam os povos indígenas que ainda permanecem isolados e que são ainda desconhecidos.

Gráfico 1: Dados demográficos da população indígena no Brasil.



Fonte: FUNAI, 2017.

Segundo o site da FUNAI, o povo que apresentou o maior número de falantes e a maior população foi o povo de Tikuna, residente no Amazonas. Seguido, em número de indígenas, pelo povo Guarani Kaiowá do Mato Grosso do Sul e em terceiro lugar pelos Kaingang da região Sul do Brasil. “Com relação às 274 línguas faladas, o censo demonstrou que cerca de 17,5% da população indígena não fala a língua portuguesa”.

Ainda de acordo com a FUNAI, esses povos vem sofrendo com diferentes problemas:

Esta população, em sua grande maioria, vem enfrentando uma acelerada e complexa transformação social, necessitando buscar novas respostas para a sua sobrevivência física e cultural e garantir às próximas gerações melhor qualidade de vida. As comunidades indígenas vêm enfrentando problemas concretos, tais como invasões e degradações territoriais e ambientais, exploração sexual, aliciamento e uso de drogas, exploração de trabalho, inclusive infantil, mendicância, êxodo desordenado causando grande concentração de indígenas nas cidades (FUNAI, 2017).

Assim como há mais de 500 anos, na época da chegada dos europeus, os povos indígenas precisam lutar para defender tanto seu território como por suas tradições e direitos como cidadãos.

Compreendemos, portanto, o interesse renovado que suscita o romance *Mon cher cannibale*, por parte de pesquisadores brasileiros, estrangeiros e brasilianistas.

As histórias narradas, sejam elas oficiais ou não, variam de acordo com o ponto de partida, a perspectiva pela qual o narrador se propõe a apresentá-las. Diversos fatos são contados nas mais diversas formas, lugares são desenhados com diferentes traços e personagens são descritos dos mais variados modos. No presente trabalho, nos propomos a, a partir do livro *Mon cher cannibale* de Antônio Torres, refletir sobre a (des)construção identitária proposta por Torres, analisar os paratextos do original e da tradução e como o autor trabalha o contemporâneo em sua obra.

Com o objetivo de estudar a literatura, após experiência com textos de filosofia e de linguística; de estudar um romance brasileiro traduzido ao francês e de realizar leituras de resenhas nessa área, este trabalho se desenvolveu da seguinte forma: após este capítulo introdutório, o capítulo 2 apresenta a obra de Torres, bem como um resumo e análise geral de *Mon cher cannibale*. O terceiro capítulo é constituído por uma revisão de literatura, na qual são analisados artigos e trabalhos realizados a partir da obra supracitada, a análise contrastiva de paratextos das edições brasileira e francesa desse romance e a análise da representação identitária de Cunhambebe na obra de Antônio Torres. E, por fim, as considerações finais.

2 PERCURSO DE ANTÔNIO TORRES

Antes de passarmos à análise de *Mon cher cannibale*, torna-se necessária uma visão de conjunto da obra de Antônio Torres, com o objetivo de identificar as grandes linhas do universo ficcional do autor e de verificar se as relações entre literatura e história ocupam lugar de destaque em sua obra.

2.1 VISÃO GLOBAL DA OBRA

O jornalista e escritor, Antônio Torres, nasceu em 1940 no povoado baiano de Junco, a 200 km de Salvador. Torres trabalhou como repórter no *Jornal da Bahia* e em seguida na *Última Hora*, nos anos 1960, quando ainda jovem se mudou para São Paulo, onde passou para a área publicitária. Ele morou em diversos lugares, entre os quais Portugal e Rio de Janeiro. Atualmente dedica-se exclusivamente à atividade literária.

Antônio Torres possui um conjunto de obras expressivo, contando com diversos romances, um livro de contos, um livro para crianças e um livro de crônicas, perfis e memórias. Vejamos, então, as grandes linhas de suas obras.

Em seu livro de estréia *Um cão uivando para lua* (1972), Torres nos apresenta a história de um repórter internado em um hospício, um homem que saiu de sua cidade em direção a São Paulo na busca de melhores condições de trabalho e se deparou com um sistema enlouquecedor. Esse louco narra sua história, na primeira pessoa, através de seu delírios, sonhos, lembranças e amarguras.

No ano seguinte, Torres publica *Os homens dos pés redondos* (1973), cuja história se passa em um país fictício, Ibéria. Nele, o autor conta, nas entrelinhas, um pouco do Portugal dos anos 60. Em *Essa terra* (1976), obra traduzida para pelo menos 14 países, apresenta as características de sua cidade natal e as questões relacionadas a emigração dos nordestinos ao Sudeste do país, suas dificuldades, barreiras e percalços.

Três anos mais tarde, em 1979, é publicado *Carta ao bispo*, cujo protagonista toma veneno em uma tentativa de suicídio. A narrativa se desenrola durante seu percurso pela casa, da cozinha em direção à sala, e durante a escrita da carta endereçada ao bispo, embora seu conteúdo não seja compartilhado com o leitor, permanecendo um enigma.

Em *Adeus, velho* (1981) o autor nos mostra os contrastes do passado e do presente do Brasil. Essa obra é uma despedida ao Brasil antigo, de um sistema arcaico, e o início de algo diferente. Esse sistema/país a quem se dá adeus é personificado na figura de Godofredo, que tenta controlar seus filhos e manter o sistema tradicional. Mais especificamente, esse livro trata das mudanças que ocorreram na sociedade brasileira nas décadas anteriores a sua publicação.

Balada da infância perdida (1986) nos apresenta uma história narrada na primeira pessoa, na voz do narrador que lembra de sua infância em meio a delírios dignos de um bêbado. Aqui também, a narrativa aborda a questão do emigrante nordestino que tenta a sorte na ida às cidades grandes. Em *Um táxi para Viena d' Áustria* (1991), Torres relata a história de um publicitário que marca um encontro com um amigo, o qual não vê há mais de vinte anos. Após matá-lo, pega um táxi, que fica preso em um engarrafamento. Enquanto espera dentro do carro, seus pensamentos o levam a diferentes momentos, fazendo idas e vindas no tempo. O livro seguinte de Torres, *O Centro das nossas desatenções* (1996), nos leva a um passeio pelas ruas, bairros, igrejas do Rio de Janeiro, e nos conta um pouco da história dessa cidade.

Em *O cachorro e o lobo* (1997), Torres resgata o protagonista e o espaço de *Essa Terra*. Ele relata o regresso do protagonista a sua cidade, vinte anos depois de sua partida. Mas essas duas obras são de certo modo contrastantes: enquanto a *Essa Terra* mostra um lado melancólico, *O cachorro e o lobo* tem um caráter mais otimista. Em *Pelo fundo da agulha* (2006), Torres traz mais uma vez a sua história Totonhim, protagonista de *Essa Terra* e de *O cachorro e o lobo*. Aqui, dez anos se passaram, e o personagem se vê sozinho e atormentado pelos fantasmas do passado. Lembra-se de sua mãe e, apesar da idade e limitações, de sua habilidade de passar a linha pelo furo da agulha. É assim que começa a ver seu passado, a rever suas memórias, como se estivesse olhando através desse orifício.

O nobre sequestrador, publicado em 2003, traz uma figura importante da história do Rio de Janeiro, frequentemente ausente nos relatos da história oficial. René Duguay-Trouin foi um corsário francês que veio ao Brasil com a missão de interceptar o ouro que saía daqui em direção a Portugal. Esse personagem sitiou, em 1711, a cidade do Rio de Janeiro e a teve sob seu controle por 50 dias, até pagarem o seu resgate. Esse personagem já aparecera anteriormente em *Meu querido canibal* (2000), no qual encontramos um relato, atravessado por realidade e ficção, das alianças realizadas e das lutas travadas entre indígenas e colonizadores nos anos seguintes a chegada dos europeus ao Brasil.

Em 2007, Torres publicou *Minu, o gato azul*, uma história para crianças que surgiu de um convite da editora Rocco para a coleção Bichos e outras histórias. Conta a história de um gatinho sonhador, que relembra suas brincadeiras de quando havia crianças pela casa, curioso, que gosta de explorar a casa durante a noite e acima de tudo que compreende seu dono e é companheiro. Ainda em 2007, Torres publica *Sobre pessoas* e *Do Palácio do Catete à venda de Josias Cardoso*. O primeiro é um misto de crônicas, memórias, reminiscências e homenagens, como define André Seffrin, nas orelhas do livro. Nesse livro apresentam-se diversos personagens reais, autores, poetas, pessoas importantes do século XX e XXI, bem como alguns de outros tempos. No último, o autor narra os fatos que assistiu após o suicídio de Getúlio Vargas, em sua cidade natal, bem como os efeitos causados pela personalidade desse personagem.

Antônio Torres é um autor que tem diversas obras publicadas, para além das acima citadas. Obras entre as quais muitas delas lhe concederam prêmios ao longo de sua carreira. Seu primeiro romance, publicado em 1972, foi *Um cão uivando para a lua*, o qual foi considerado a revelação do ano pela crítica. Mas, seu reconhecimento maior chegou em 1976 com a publicação de *Essa terra*, no qual o autor aborda a busca dos nordestinos por uma melhor condição de vida na ida às grandes metrópolis do Sudeste. Suas obras foram traduzidas para mais de onze línguas, incluindo e iniciando-se pela tradução francesa da obra acima citada (1984, por Jacques Thiériot), a qual lhe abriu as portas para o mundo internacional e contribuiu, juntamente com a tradução de *Um taxi para Viena d'Austria* (1991 - traduzido em 1992, por Henri Ralliard), para que recebesse a condecoração de *Chevalier des Arts et Lettres* em 1998. Torres é autor indicado a vários prêmios e recebeu, entre outros, o Prêmio de Machado de Assis da Academia Brasileira de Letras, em 2000, pelo conjunto de sua obra; em 2001, o Prêmio Zaffari & Bourbon - juntamente com Salim Miguel com *Nur na Escuridão* - por seu livro *Meu querido canibal*; foi eleito em 2013 para ocupar a cadeira 23 da Academia Brasileira de Letras, que tem como patrono José de Alencar e como fundador Machado de Assis - primeiro presidente da Academia; e em 2015, recebeu o Selo Oficial dos 450 anos do Rio de Janeiro, criado pelo comitê Rio450, que planejou e organizou as comemorações do aniversário da cidade e apoiou a publicação, entre reedições e novidades, de mais de 80 títulos relacionados a História e cultura carioca, entres os quais figuram *Meu querido canibal* e *O nobre sequestrador*. Esse breve panorama de sua obra evidencia seu interesse pelas relações entre história e literatura.

2.2 GRANDE LINHAS DO ROMANCE MEU QUERIDO CANIBAL

Em *Meu querido canibal*, Antônio Torres apresenta uma releitura da história da chegada dos europeus ao Brasil através de diversos relatos aos quais teve acesso, numa mescla entre história e um pouco de ficção. Sobre a relação entre história e literatura, Torres esclarece em entrevista:

- Sou fiel à história na medida do possível, porque os relatos são muitos. Tanto que a palavra que mais emprego nesse livro é ‘presumivelmente’. O que há é o molho de um romancista, uso minhas estratégias para dar sabor. Mas Cunhambebe e os outros são tão fantásticos que não precisei inventar personagens (MOUTINHO, 2000).

Segundo Rassier (2010), “ao canibalizar o discurso historiográfico, Antônio Torres não só desmitifica heróis oficiais mas também coloca em primeiro plano o temível guerreiro Tupinambá Cunhambebe, retirando-o das ‘notas de rodapé’ as quais o relega o discurso construído pelos vencedores”.

Como o autor desenvolve esse diálogo entre literatura e história? Como estrutura o romance? Que episódios e personagens históricos aborda? Que perspectiva adota?

O romance *Mon cher cannibale* está dividido em três partes, das quais a primeira é composta de vinte e cinco capítulos, a segunda de apenas um e a terceira de seis. O narrador conta a história na terceira pessoa, fazendo uso de vários artifícios literários, como ir e vir no tempo e pausas na narrativa para descrever personagens e eventos. Além disso, as fronteiras entre o período histórico abordado e a contemporaneidade são constantemente rompidas, como por exemplo a apresentação anacrônica do “Curriculum Vitae” de Villegagnon (TORRES, 2015, p. 29).

Em “Le cannibale et les chrétiens”, a primeira parte do livro, o autor nos apresenta trechos da história, personagens que foram esquecidos ou pouco lembrados, que fizeram parte das lutas, alianças e desavenças existentes durante a chegada dos europeus ao Brasil nos anos 1500, mas que foram pouco mencionados pela história oficial ou de forma distinta da abordada pelo autor. Torres começa seu capítulo nos apresentando ao personagem do qual busca contar a “verdadeira” história ou aquela que se pode presumir através dos relatos que ele

encontra. Nos dois primeiros capítulos ele descreve o caráter do protagonista, Cunhambebe, e as relações entre esse chefe indígena com os portugueses.

No terceiro capítulo, aparecem os franceses descritos como “plus diplomates et moins ambitieux”, preferindo negociar com os indígenas. É neste terceiro capítulo que Torres descreve a situação da Europa do século XVI, a qual estava “minée par les guerres de religion, l’inquisition, les famines et la peste” (TORRES, 2015, p. 17). E então o Tratado de Tordesilhas, assinado em 7 de julho de 1494 é evocado, pois “[l]’espace européen était devenu trop petit pour autant de princes, de curés, de ministres de l’Église réformée et de marchands. [...] le mot d’ordre était: naviguer” (TORRES, 2015, p. 19).

No capítulo seguinte, trata-se da chegada dos portugueses, o início do tráfico de escravos, a criação das Capitânicas Hereditárias e a ação dos bandeirantes. Já o quinto capítulo, de uma página e meia, consiste em apresentar a relação complicada desenvolvida entre portugueses e franceses na época, sendo os últimos aliados dos indígenas enquanto os primeiros aqueles que buscavam escravizá-los e doutriná-los em sua religião. Segundo Rassier em “Réécriture et cannibalisation de l’Histoire par la Littérature dans l’œuvre du romancier brésilien Antônio Torres” (2013, p. 224):

Outre (ces) voyageurs illustres, les Français anonymes sont présentés comme des alliés des Amérindiens, contrairement aux Portugais, à qui le narrateur n’épargne rien. Mais une lecture plus attentive montre que l’intérêt porté par les Français aux Amérindiens n’est nullement désintéressé et dévoile leur caractère prédateur. (RASSIER, 2013, p. 224).

De acordo com Thomas (2011),

[...] les Portugais n’occupent le littoral que de façon sporadique et les Français, habitués de ces côtes, ont noué des contacts privilégiés avec certaines populations indigènes, notamment les Tupinambas, n’hésitant pas à leur confier de jeunes enfants. Intégrés dans les tribus, ces « truchements », servent d’intermédiaires et d’interprètes dans les relations franco-indiennes (THOMAS, 2011, p. 26).

O que nos leva a perceber as diferenças entre as relações entre Tupinambás e europeus.

Os capítulos seguintes são dedicados, principalmente, a participação francesa na colonização do Brasil. Neles, Torres cita alguns personagens da história francesa, como o frade André Thevet (1516-1590), François Duclerc (1670-1711), René Duguay-Trouin (1673-1736) e Villegagnon (1510-1572). Este último ganha um espaço maior, na medida em que o autor relata sua chegada ao Brasil, o assentamento da primeira colônia francesa realizada por ele e a sua tentativa fracassada de transformar o Rio de Janeiro em uma França Antártica.

Os capítulos nove e dez voltam à descrição de Cunhambebe e também aos rituais indígenas, principalmente, àquele que mais surpreendia e assustava os europeus recém-chegados, o ritual do canibalismo. No capítulo onze, há um suposto diálogo entre Cunhambebe e Hans Staden (1525-1576) enquanto o último estava sob domínio dos indígenas.

No capítulo doze, Torres relata a morte de Cunhambebe por uma epidemia que matou mais de 300 indígenas. Ele introduz aqui também a Confederação dos Tamoios e os grandes nomes que a fundaram. Mas, é nos capítulos seguintes que a história dessa Confederação e desses indígenas é mais explorada. É do capítulo treze ao último que se relata a história das lutas, como a Guerra do Cabo Frio em 1575, dos acordos afirmados (os quais pouco duraram), de nomes como Aimberê, Cunhambebe (o filho, do grande chefe indígena do mesmo nome), Araribóia, Mem de Sá (1500-1572), Estácio de Sá (1520-1567), José de Anchieta (1534-1597), um dos representantes da presença jesuíta no território brasileiro, a qual foi de grande proporção, não só no Rio de Janeiro, mas em outras regiões do Brasil, como nos apresenta Guzmán (2011, p. 28), “[p]endant un siècle, de 1653 à 1759, des Jésuites bâtissent en Amazonie des villages d’Indiens organisés selon leurs règles. La forêt tropicale devient portugaise”. E, por fim, Torres nos relata o massacre contra os indígenas.

Na segunda parte, “Au commencement Dieu s’appelait Monan”, composta apenas de um capítulo, Torres relaciona as duas perspectivas do mito da criação do mundo, a defendida pelo cristianismo e aquela na qual os indígenas acreditam. Essa parte inicia-se com uma citação da Bíblia, na qual se descreve o início de tudo, a criação, seguida, portanto, do que seria a versão indígena da criação e de um Deus.

Na terceira e última parte, “Voyage à Angra dos Reis”, acompanhamos o personagem-narrador na busca de informações sobre o grande líder indígena que foi Cunhambebe.

O primeiro capítulo dessa parte do livro começa como um diário de bordo: “Copacabana, 10 heures. Jour: mardi. Mois: novembre. Année: au seuil du sixième siècle après la découverte du Brésil” (TORRES, 2015, p. 115). E é aqui que começa a jornada deste personagem-narrador em busca da história de seu querido canibal e de seu povo. Ele descreve seu trajeto até a rodoviária, as paisagens que remetem aos episódios históricos, como a Praia do Flamengo, da qual ele fala “c’est ici que les choses ont mal tourné” (TORRES, 2015, p.128). Nesse capítulo, destaca-se também a história dos corsários franceses, Du Clerc e Duguay-Trouin e um pouco da chegada de Dom João VI e sua corte ao Brasil.

No capítulo seguinte, o autor relata brevemente o trajeto do ônibus que parte da rodoviária do Rio em direção à Angra dos Reis, mais uma vez relembrando a história dos indígenas através de paisagens e nomes dos lugares estampados nas placas do caminho que seu ônibus percorre. E, no terceiro e último capítulo do livro, Torres relata os encontros que teve com as pessoas que vivem em Angra dos Reis, e que sabem pouco ou nada sobre seu “cher cannibale”, assim como, sua ida à aldeia indígena dos índios guaranis em Bracuí, na Serra da Bocaina, sua conversa com o cacique dessa aldeia, e nos apresenta, assim, as mais variadas versões das características de Cunhambebe.

Relata-se, portanto, neste livro, principalmente, as batalhas travadas pela Confederação dos Tamoios contra as invasões portuguesas – “La Confédération des Tamoios dura environ 12 ans, période pendant laquelle elle se distingua, dans toutes l’histoire du Brésil, comme la plus grande organisation indigène de résistance contre l’invasion des Portugais” (TORRES, 2015, p. 59), bem como o papel desempenhado por algumas figuras históricas que viveram essa época. Porém, o autor relata de uma maneira distinta daquela que se ouve na história oficial lembrando alguns personagens e destacando algumas de suas características apagadas por aqueles que contam a história.

Nós nos deparamos com diferentes personagens da história em situações que entrelaçam realidade e ficção, como o diálogo entre o alemão Hans Staden e Cunhambebe. O padre José de Anchieta também é apresentado neste livro de forma distinta, não mais como herói, mas como um traidor dos indígenas, que quebrou até mesmo segredos de confissão para ajudar os portugueses as custas da confiança indígena. Sem esquecer de Aimberê, outro nome importante do lado dos

ameríndios, sucessor de Cunhambebe. Entre outros personagens que foram considerados heróis para uns, mas traidores para outros¹.

Torres nos leva a uma viagem de volta no tempo, ao centro dessas batalhas, para nos mostrar a história a partir de uma perspectiva diferente – a perspectiva do indígena, daqueles que tiveram suas terras invadidas e foram exterminados por um povo estrangeiro: “Jusqu’à l’arrivée des Européens, les Indiens ne savaient pas qu’ils étaient Indiens. Ou plutôt, ils n’étaient ni Indiens ni rien du tout. Ils n’étaient qu’un peuple” (TORRES, 2015, p. 21).

¹ Para uma análise de como Antônio Torres realiza a (des)construção desses heróis da história brasileira, ver Rassier (2010, p.66-70).

3 REVISÃO DE LITERATURA, PARATEXTOS E IDENTIDADE INDÍGENA

Um dos aspectos fundamentais de uma pesquisa é a realização de uma revisão de literatura, ou seja, saber se seu objeto de estudo foi abordado por outros pesquisadores e como isso aconteceu. Do que tratam os trabalhos já publicados? Têm uma forma em comum de tratar esse objeto? Isso é o que apresentaremos a seguir neste capítulo – uma revisão de alguns trabalhos consagrados à obra *Meu querido canibal* de Antônio Torres. Para além dessa revisão, e a partir dela, faremos também neste capítulo nossa análise, contrastando os paratextos existentes entre a versão original brasileira e a versão francesa traduzida da obra supracitada, bem como, a partir do perfil indígena traçado por Torres.

3.1 ARTIGOS E RESENHAS CRÍTICAS SOBRE *MEU QUERIDO CANIBAL*

Em sua maioria, os trabalhos sobre *Meu querido canibal* se desenvolvem em torno da relação dicotômica entre história e literatura, bem como da questão identitária dos indígenas.

Em “‘Meu querido canibal’ – A identidade brasileira: reflexo do passado, presente e futuro”, Mota (2007) nos apresenta algumas das diversidades que constituem a atual identidade do povo brasileiro. Ela nos faz enxergar tanto a importância das tradições dos indígenas, que aqui habitavam na época pré-chegada européia, quanto da cultura africana e daquela provinda dos denominados “descobridores” do Brasil, na formação identitária tão heterogênea que é a brasileira.

Outros autores a discutir esta questão são Novaes e Reis (2009), estes publicaram “Hans Staden, José de Alencar e Antônio Torres: representações do indígena e a invenção da identidade brasileira”, no qual contrastam o imaginário sobre o povo indígena através do relato de Hans Staden – mercenário alemão que esteve duas vezes no Brasil e o qual foi feito refém pelos tupinambás – e de suas influências na visão apresentada dos indígenas durante o romantismo, nas descrições feitas por José de Alencar, bem como naquilo que nos traz a literatura contemporânea, com *Meu querido canibal*. Imaginário este que deixa seus vestígios na construção da identidade brasileira.

Pereira (2008) desenvolveu “Imagens inaugurais e cenas urbanas: recorrências identitárias em *Meu querido canibal*”. A autora busca argumentar que mesmo tendo como enfoque a busca pelo

passado, pela história – em muitas partes não contada ou apagada, o narrador da obra de Torres entrelaça passado e presente na formação histórico-cultural deste povo.

Já Santos (2014) nos apresenta “A viagem do índio até a brasilidade: Antônio Callado, Moacyr Scliar, Assis Brasil e Antônio Torres”. A autora argumenta que a busca pelo passado, por nossos ancestrais, consiste em uma busca por nós mesmos, por nossa própria identidade.

Em Godet (2010), que escreveu “Entre discursos: literatura e história em *Meu querido canibal*”, encontramos uma análise da relação história/literatura e, como nos trabalhos anteriormente citados, o desenvolvimento (desconstrução e reconstrução) do imaginário relacionado ao povo indígena e da sua luta na época da colonização – em geral, apresentada a partir da visão do vencedor, e não do vencido. Encontramos discussões semelhantes em Dourado e Assis (2011), no trabalho “*Meu querido canibal: dessacralização de discursos*”, e em Rios (2011) que nos apresenta “Na reescrita da História, a (des)construção da identidade nacional: uma leitura de *Meu Querido Canibal* e *O Nobre Sequestrador*”.

Outro trabalho que se refere a tais aspectos da obra a qual estudamos aqui é “(Re)pensando a História a partir da Literatura: *Meu querido canibal*, de Antônio Torres” de Rassier (2010). Neste artigo, a autora nos apresenta a “canibalização” do discurso histórico apresentada por Torres em sua obra *Meu querido canibal*. O enfoque se mostra nas rupturas realizadas pelo autor na imagem do indígena criada pela História oficial, e na recriação ou adição de traços apagados tanto deste povo, como daqueles que foram tomados por heróis para alguns, mas que Torres relata a partir de uma perspectiva distinta, que parte da visão do vencido, e do muitas vezes traído por esses mesmos personagens que foram considerados heróis.

Por fim, temos também o trabalho de Nogueira (2014), esta escreveu “A construção do perfil indígena em *Meu querido canibal*, de Antônio Torres”. Neste, a autora enfoca no desenvolvimento da representação daquilo que constitui a imagem do indígena na obra aqui estudada. Mais de quinze anos após sua publicação, *Meu querido canibal* continua suscitando interesse, como prova a recente tradução de Dominique Stoenesco (2015), cujo paratexto analisamos a seguir, juntamente com o da edição original em língua portuguesa.

O que os paratextos podem nos mostrar para além do texto principal? Como convergem ou divergem da proposta do autor ou do tradutor no tratamento do tema? Os paratextos são os mesmos entre as

duas versões? Podem eles ajudar ou influenciar no desenvolvimento das leituras e das interpretações?

3.2 ANÁLISE DE PARATEXTOS: MEU QUERIDO CANIBAL E MON CHER CANNIBALE

Gérard Genette define paratexto como “aquilo por meio de que um texto se torna livro e se propõe como tal a seus leitores, e de maneira mais geral ao público. Mais do que um limite ou uma fronteira estanque, trata-se aqui de um limiar [...] que oferece a cada um a possibilidade de entrar, ou de retroceder” (GENETTE, 2009, p. 9-10,). Trata-se dos textos que acompanham a obra produzida, tais como informações sobre o autor, notas da edição, glossário, bibliografia, prefácios, posfácios, notícias de apresentação, citações, referências existentes, etc (CHEROBIN, 2011, p.225-226). Essas características não se mostram importantes apenas na produção de um texto, mas também na sua tradução. Nesse contexto, José Yuste Frías (2015) nos apresenta a relevância da “paratradução” para os estudos de tradução, sendo que os paratextos podem influenciar a leitura e percepção dos leitores da obra traduzida. Portanto, analisaremos nessa seção aos paratextos do original e da tradução de *Meu querido canibal*.

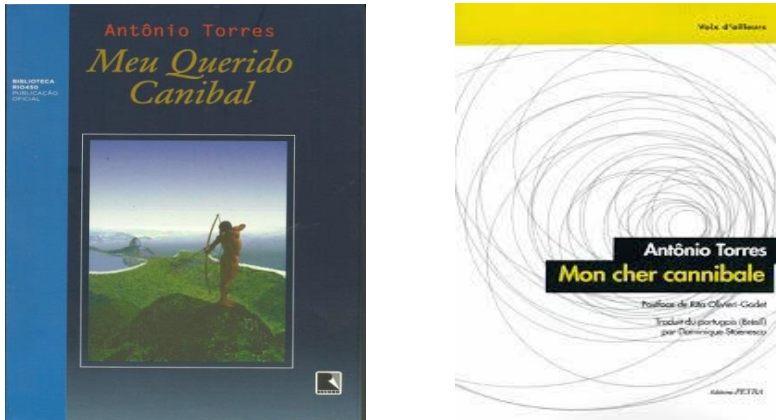
Começemos pelo título do livro, traduzido literalmente ao francês, carrega nas duas versões uma oposição de sentidos positivo (meu querido – mon cher) seguido de “negativo” (canibal – cannibale). Segundo Rassier (2013, p. 219), o título, “constitué d’un adjectif à connotation positive suivi d’un substantif à connotation négative (mon cher cannibale [...]), renseignent d’emblée sur la nature du pacte de lecture proposé: mettre en question la place donné ou refusée à ces ‘héros’ par l’histoire”. Portanto, já aqui percebemos os contrastes propostos pelo autor na (des)construção da história.

Passemos, agora, às capas brasileira e francesa do livro aqui analisado. Como podemos ver na Figura 1 abaixo, ambas as capas trazem o nome do autor seguido do título do livro em letras maiores, porém variam em cores e personalização. A capa brasileira traz no centro a imagem de um índio sobre o Morro do Corcovado. Segundo Pereira (2008), esta capa

revela uma instável sacração da natureza, elevando o índio a uma posição de herói em guarda, à espera de um inimigo ainda fora da paisagem. Monumentalizada, essa figura ‘natural’

do índio [...] se sobrepõe ao espaço de uma civilização que irá destroná-lo com a cruz, a espada e a própria história. (PEREIRA, 2008, p. 12).

Figura 1 - Capas brasileira e francesa de *Meu querido canibal*.



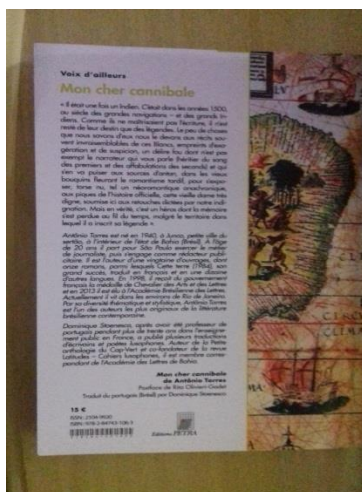
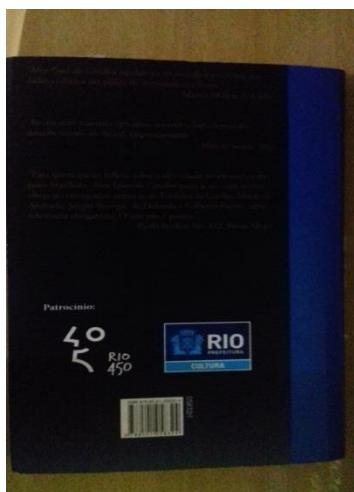
Fonte: Google Images, 2017.

Já a capa francesa, não é figurativa e não traz elementos que fornecem ao leitor quaisquer indícios de tempo ou de espaço. Sobre um fundo branco, há traços de cor cinza que, embora irregulares, formam uma espiral. O centro da espiral localiza-se próximo a um fundo preto, que traz em letras brancas o nome do autor e destaca, em letras amarelas e um pouco maiores, o título *Mon cher cannibale*. Logo abaixo, sobre o fundo branco, duas outras menções: “Postface de Rita Olivieri-Godet” e “Traduit du portugais (Brésil) par Dominique Stoenesco”. Essa segunda informação, assim como o nome da coleção (“Voix d’ailleurs”), que aparece na parte superior da página, em uma faixa horizontal amarela, são a indicação ao leitor que se trata da tradução de uma obra literária estrangeira. Ao pesquisarmos o site da editora, verificamos, por um lado, que esse padrão de capa é utilizado em outros livros e, por outro lado, que o objetivo da coleção é publicar “des auteurs traduits du monde entier, principalement choisis à partir de l’époque qui s’ouvre après la Seconde Guerre mondiale – romanciers, auteurs dramatiques ou poètes – dont l’œuvre reste encore méconnue en français” (<https://www.editionspeetra.fr/collection/voix-dailleurs>). Constatamos,

portanto, que as capas brasileira e francesa propõem pactos de leitura bastante diversos.

As contracapas também se distinguem entre as duas versões (ver Figura 2). Enquanto a brasileira nos apresenta opiniões breves sobre o livro de Torres e o símbolo do patrocínio da prefeitura do Rio, a versão francesa apresenta algumas das linhas iniciais do romance, uma breve biografia de Antônio Torres e outra de Dominique Stoenesco, o tradutor para o francês. E traz, logo abaixo, mais uma vez o título do livro, o nome do autor, de quem escreveu o posfácio (Rita Olivieri-Godet) e que o livro foi traduzido do português, juntamente com o nome do tradutor. Outro contraste entre as versões é a de que todas as informações da versão brasileira estão sobre fundo azul escuro como na capa, e na versão francesa há em uma faixa lateral a direita com uma ilustração que representa a chegada dos navios europeus ao Brasil. Característica interessante se contrastarmos com a capa do original: em uma a imagem de um indígena em guarda esperando seus inimigos chegarem, e na outra a chegada daqueles que vieram explorar suas terras.

Figura 2 - Contra-capas brasileira e francesa de *Meu querido canibal*



Fonte: Elaborada pelo autor (2017).

Outro paratexto interessante que não se repete nas duas versões do romance é a figura de Cunhambebe desenhada por André Thevet, e inserido na *Galeria dos Homens Ilustres*, editada com o nome de *Les*

Vrais Portraits. Essa estampa não aparece na versão francesa, ela está apenas presente na folha de rosto da versão brasileira.

Encontramos, também, notas de rodapé que estão apenas presentes na tradução. Segundo Cherobim (2011, p. 229), “as funções das notas são múltiplas, entre as principais encontramos: definições ou explicações de termos usados no texto, referências de citações, indicações de fontes”. Torres não as utiliza, mas elas aparecem na tradução de Stoenesco, sendo que, a primeira nota de rodapé da tradução consiste na apresentação de Pero Vaz de Caminha ao público francês e inclui a explicação de que todas as notas de rodapé foram inseridas pelo tradutor, como vemos a seguir, “Chroniqueur portugais, auteur de la Lettre au Roi Dom Manuel sur la découverte du Brésil par Pedro Álvares Cabral, en 1500. (Toutes les notes de bas de page sont du traducteur)” (TORRES, 2015, p. 37).

São ao todo quinze notas de rodapé das quais algumas explicam vocabulário (sesmaria, restinga, pajé, igarapés, saravá, quitanda, sardinha), outras apresentam autores citados ou que tiveram poemas citados no romance (Pero Vaz de Caminha, João Guimaraes Rosa, Fernando Pessoa) e outras explicam brevemente acontecimentos e lugares (Terre de Sainte Croix), os quais o tradutor aparentemente percebeu a necessidade de explicar devido ao provável desconhecimento pelo público francófono. Quanto ao vocabulário, nem todas as palavras que permanecem em português recebem uma nota de rodapé, o que demonstra uma provável presunção por parte do tradutor de que alguns termos são conhecidos por seu público-alvo ou ainda de que seu significado seria explicado pelo contexto, como em “Iguassu se dirigea vers la *restinga* pour cueillir les fruits d’un *ingazeira*” (TORRES, 2015, p. 54). Esta última palavra (*ingazeira*), vem destacada em itálico, mas não recebe definição, visto que pelo contexto deduz-se que se trata de uma árvore. A palavra “*saudade*” é outro exemplo, sendo que ela também aparece no texto em itálico identificando seu caráter de vocábulo estrangeiro, porém não recebe nota de rodapé, pois supostamente o tradutor deduziu que esta palavra seja conhecida pelo público francês através de outros meios, como literaturas portuguesa e brasileira, poemas ou músicas.

Outras palavras são objetos de notas, como a palavra “quitanda” para a qual, por exemplo, o tradutor insere uma nota indicando até mesmo a sua origem africana: “[m]ot venant du *quimbundo* (Angola), qui servait à designer le lieu où les esclaves pouvaient pratiquer leur petit commerce, essentiellement des fruits, des légumes, des gâteaux” (TORRES, 2015, p.143). Já para outras, Stoenesco opta por apresentar

apenas sua definição, como a palavra “restinga” – “Terrains sablonneux proches de la mer, recouverts de végétaux” (TORRES, 2015, p.54), a palavra “pajé”, de origem tupi-guarani também é apenas definida – “Chef spirituel au sein d’une tribu, sorte de chaman” (TORRES, 2015, p. 64), bem como a palavra “Igarapé”, provinda do tupi – “[...] canal étroit qui sépare deux îles, ou une île et la rive d’un fleuve” (TORRES, 2015, p. 10). Vale assinalar, portanto, que não há sistemática por parte de tradutor na redação desse tipo de nota explicativa de vocabulário.

Ao traduzir *Meu querido canibal* Stoenesco optou por uma estratégia de tradução diferente daquela utilizada na obra *O Nobre Sequestrador*, 2003 de Torres (*Le corsaire de Rio*, 2016). Nesta última, o tradutor apresenta um glossário ao final da obra com algumas palavras supostamente desconhecidas pelo público francófono, conforme assinala Tarquinio (2016).

A escolha pelo glossário na tradução mais recente e não pelas notas de rodapé talvez decorra da constatação de que tais notas, segundo Rassier (2008, p. 66), “alteram o ritmo da leitura e podem dispersar a atenção do leitor”, diferentemente do glossário.

Como vimos, há vários tipos de paratextos e tal análise se deu devido ao fato de que “reconhecer os elementos paratextuais em um texto torna a leitura mais produtiva, pois ilustram as intenções iniciais do autor e/ou editor, o objetivo a ser atingido pela publicação, pois [...], o paratexto representa mesmo uma extensão da obra” (CHEROBIN, 2011, p. 229).

Outra distinção entre as versões brasileira e francesa consiste no posfácio, presente apenas na versão francesa, escrito por Rita Olivieri-Godet, brasilianista baiana radicada há mais de vinte anos na França, sendo professora titular na Universidade de Rennes 2. Nesse texto, Godet apresenta um breve histórico das obras de Antônio Torres que foram traduzidas ao francês e portanto disponibilizadas ao acesso do público francófono. Segundo a autora, o livro *Meu Querido Canibal* é o primeiro romance de Torres em que ele apresenta eventos comuns à história francesa e à brasileira, citando em seguida *O Nobre Sequestrador*, que como vimos anteriormente apresenta a figura de René Duguay-Trouin, corsário francês que sitiou a cidade do Rio de Janeiro no século XVIII.

A autora do posfácio afirma que o romance de Antônio Torres “contribue à la réinterprétation du parcours historique de la Nation brésilienne, en questionnant le passé, en créant des passerelles avec le présent et en s’interrogeant sur son avenir, dans un monde de plus en plus globalisé” (GODET apud TORRES, 2015, p. 188). Quanto ao estilo

escolhido por Torres na produção de sua obra, essa mesma autora afirma que o autor de *Meu Querido Canibal*:

[il] remet en question la frontière des genres en incorporant de multiples configurations discursives telles que : le récit historique, la chronique, le récit mythique, le poème, les paroles de chanson, le langage publicitaire, avec lesquelles il dialogue pour produire sa fiction (GODET apud TORRES, 2015, p. 188).

Em seguida Godet apresenta a organização da obra de Torres destacando temas centrais de cada capítulo. Ela finaliza seu posfácio mostrando a justificativa do interesse do público francês por essa obra:

[Le récit] s'inscrit dans une mer d'histoires, dont il n'est qu'une des versions possibles. L'expression exubérante, le ton provocateur, la vision décapante de l'histoire proposée par Antônio Torres interpellent le lecteur au-delà de l'intérêt thématique évident de *Mon cher cannibale* pour le public français (GODET apud TORRES, 2015, p. 190).

Portanto, constatamos que, se já ao público francês essa obra se mostra interessante, ao público e pesquisadores brasileiros ainda mais, visto que é sobretudo da história do Brasil que o romance trata. Sendo assim, passemos então ao objetivo deste estudo: a análise das questões identitárias presentes em *Meu querido canibal* de Antônio Torres e os contrastes entre história e literatura. Como Torres (des)contrói a identidade indígena criada pela história oficial? Como ele trabalha as fronteiras entre história e literatura?

3.3 IDENTIDADE INDÍGENA: CUNHAMBEBE

Atualmente, para muitas pessoas, a representação do indígena brasileiro da época da chegada européia ao Brasil é aquela apresentada nas escolas, ou seja, em sua maioria aquela baseada nos livros de História, da História Oficial, a contada através da perspectiva dos vencedores. É interessante destacar que um dos textos fundadores do imaginário europeu sobre o Novo Mundo, é *Essais* de Michel de

Montaigne, sobretudo o capítulo 31 – *Des cannibales*, embora o autor nunca tenha viajado às Américas.

Buscamos neste trabalho analisar a (des)construção da representação eurocêntrica do indígena traçada pela História dita Oficial através da perspectiva de Antônio Torres em seu livro *Meu querido canibal*, no qual o autor nos apresenta variadas imagens construídas de seu personagem principal – o indígena Cunhambebe.

Apresentaremos a análise da terceira parte do livro de Torres, intitulada *Voyage à Angra dos Reis*, e os relatos aos quais o personagem-narrador teve acesso durante sua trajetória. Traçaremos o perfil de Cunhambebe apresentado por Torres com o objetivo de analisar a (des)construção da identidade indígena proposta e desenvolvida pelo autor.

Essa terceira parte do livro é narrada pelo próprio personagem – um escritor em busca dos traços deixados na história sobre seu *cher cannibale* (Cunhambebe). Nessa procura ele vai a Angra dos Reis e encontra algumas pessoas no intuito de conhecer mais sobre esse indígena. Em sua viagem ele tem contato com duas perspectivas: aquelas dos não indígenas e a dos indígenas. Esse personagem-narrador conversa, na primeira perspectiva, com passantes, uma jornalista, a diretora do colégio que leva o nome de Cacique Cuñabebe, o diretor do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do município e o secretário de Cultura do município; e na segunda perspectiva, com o vice-cacique e o cacique da aldeia dos índios guaranis, em Bracuí, na Serra da Bocaina.

Variadas são as representações encontradas pelo personagem-narrador dessa história no que diz respeito à figura do indígena Cunhambebe. Alguns o apreciam, outros nem tanto, alguns conhecem pouco sobre quem foi, outros nem reconhecem seu nome, e alguns (como o narrador dessa obra) buscam traços de sua história, perdida ou apagada pelo tempo e pelas vozes mais altas.

Alguns dos encontros de personagem-narrador ressaltam o apagamento desse indígena da história ou o aparecimento de informações errôneas. Por mais que haja uma busca em reviver a memória do indígena que dá nome à escola do município de Angra dos Reis, a uma loja de materiais de construção, a uma rua, a uma ilha, ainda sim, em sua viagem, o personagem-narrador encontra poucas pessoas que realmente sabem algo sobre seu personagem principal.

Márcia Leal, que trabalha no semanário *Maré*, e chama o personagem-narrador para uma entrevista, afirma claramente:

“ici personne n’aime pas le Cannibale [...]. En réalité, on ne sait à peu près rien sur Cunhambebe. Et ceux qui savent quelque chose, c’est très vague. Ils ne l’aiment pas [...] Parce qu’il mangeait des gens. C’est tout ce qu’on sait de lui” (TORRES, 2015, p. 162).

Fala que nos mostra o silenciamento da voz indígena na história, agora ainda mais evidente. A única característica a ser lembrada é justamente aquela que justificaria, segundo a visão eurocêntrica da época da colonização, a denominação dos povos indígenas de povos selvagens, sem lei, sem religião – a visão do outro sobre o desconhecido. Visão essa que o personagem-narrador busca clarear, a partir das suas pesquisas, (re)contando a história, mostrando que essa característica não era mera selvageria, mas sim, parte de rituais e tradições, um ato de respeito para com seu inimigo.

O nome Cunhambebe tem pouco significado aos habitantes do lugar ou para outros brasileiros: “ – Et qui était Cunhambebe? – Je ne sais pas très bien, mais je crois que c’était un Indien, non ?” (TORRES, 2015, p 173-174). Apesar da diretora da Escola Municipal Cacique Cuñabebe, dona Maria Salvadora, buscar dar lugar e importância a Cunhambebe, suas informações são baseadas na história oficial, e ainda de forma distorcida:

Dans son bureau encombré de cartables et de livres, madame Salvadora décroche un tableau du mur. Dans ce tableau il y a un texte dactylographié et protégé par une vitre. Le but de ce texte est de mettre en avant le personnage Cunhambebe, mais ce que l’on y découvre est un véritable méli-mélo incompréhensible. (TORRES, 2015, p. 172).

Muito do que estava no texto referia-se ao filho de Cunhambebe, além de conter suposições errôneas.

Mas, o personagem-narrador da história encontra outros personagens que, como ele, lembram e querem manter viva a memória de Cunhambebe. A primeira visão encontrada do indígena consiste na perspectiva de Délcio Bernardo, diretor do Departamento de Patrimônio Histórico e Artístico do município de Angra dos Reis:

Sa table est recouverte de reproductions de l’estampe de Cunhambebe et de résumés de son histoire pris

dans les livres de l'Allemand Hans Staden, du franciscain français André Thevet et de Camil Capaz, originaire d'Angra, en plus de la documentation d'un spectacle sur la saga de notre cacique tupinamba, présenté le 17 août, journée du Patrimoine Historique, aux enfants d'une école municipale. (TORRES, 2015, p. 158).

Mesmo tendo como referência relatos históricos e fragmentos de histórias, quando o personagem-narrador lhe pergunta: “Décio, que représente Cunhambebe pour vous ? Il me sur-le-champ, sans hésiter: La résistance” (TORRES, 2015, p. 159). Aqui um fio de esperança se acende no personagem-narrador – “Bon, mon voyage n'est pas entièrement fichu, te dis-tu” (TORRES, 2015, p. 159). O peregrino percebe que não está só em sua empreitada, que alguém mais vê seu querido canibal como parte importante da história que foi apagada.

Outra figura a reconhecer os feitos do indígena e alguém que, assim como nosso narrador, busca expandir os conhecimentos sobre sua história, é Fábio Iarede, secretário de Cultura do município, e principal incentivador de sua aventura, “il s'est donné pour but de sortir de l'oubli l'histoire des Tupinambas” (TORRES, 2015, p. 162). É ele o responsável por organizar a expedição que tanto interessa ao personagem-narrador dessa história: a visita à aldeia dos índios guaranis, em Bracuí, na Serra da Bocaina.

Na reserva indígena, ele encontra o vice-cacique Kuaray, o qual, nascido no Paraná e criado em Santa Catarina, “[i]l est arrivé dans ce petit village de Bracuí en 1987. Une réserve de 380 Indiens, presque tous venus des états du sud” (TORRES, 2015, p. 167). Ele esclarece algumas diferenças entre guaranis e tupinambás:

les Guaranis n'ont jamais vécu nus. Même à une époque très ancienne, ils portaient un pagne. [...] Les Guaranis n'étaient pas des guerriers, encore aujourd'hui, tout ce qu'ils veulent c'est vivre en paix [...] sur des terres où ils pourront trouver des moyens d'existence suffisants. (TORRES, 2015, p. 167).

Quanto a seu querido canibal, o vice-cacique lhe diz: “Je sais que Cunhambebe a été un grand chef, redoutable, le plus connu de toute la région. [...] On dit que jusqu'à sa mort il n'a jamais cessé de lutter. Il dominait tout le territoire qui allait d'Angra dos Reis jusqu'à

Mangaratiba” (TORRES, 2015, p. 170). Sobre Aimberê, Kuaray sabe somente que era chefe na região do Rio de Janeiro, que tinha 17 aldeias.

Após a conversa com o vice-cacique, é a vez do cacique Viramirim, ou João da Silva. Aparece aqui mais um significado a ser acrescentado ao nome do Canibal: “Cunhambebe? C’est un nom de chez nous. Cunhambebe ça veut dire ‘une grande quantité de femmes’ [...] C’était lui le maître ici. Il est arrivé à Bracuí lorsque sa tribu fut expulsée de Porto Seguro, dans l’état de Bahia. Un grand chef” (TORRES, 2015, p. 171). Percebemos que mesmo entre seu povo, seus feitos são pouco lembrados. A história contada pelos vencedores apagou muito daquilo que era esse grande personagem, herói de uns e terror de outros. Sabe-se que foi um grande líder indígena, mas não muito mais que isso. Sendo assim, ao realizar sua viagem em busca de traços da história de Cunhambebe, o personagem-narrador constata que “les traces ont disparu mais que le nom du personnage est resté, ce grand nom tupinamba, brillant au soleil sur la devanture des magasins et les plaques de noms de rues” (TORRES, 2015, p. 172):

Apesar de seu nome estar associado a uma loja de material de construção, a uma escola, a uma rua, a uma ilha e a um distrito, pouco resta daquele que foi um dos primeiros heróis brasileiros. Embora o diretor do Patrimônio Histórico de Angra dos Reis se interesse pela historiografia e pelas homenagens dos alunos ao patrono da escola, e embora institua o Dia do Patrimônio como data comemorativa dos feitos de Cunhambebe, tais esforços se revelam vãos face ao esquecimento em que caiu o líder tupinambá. (RASSIER, 2010, p. 65).

Dirigindo-se diretamente a Cunhambebe, personagem-narrador enfatiza das raízes indígenas dois elementos marcantes da cultura brasileira:

Mon cher Cannibale : tu ne maîtrisais pas l’écriture et tu n’as pas connu la roue. Tu étais loin d’imaginer les découvertes technologiques de ce monde [...] **Le monde est devenu un show fantastique, inimaginable à ton époque, avec des conquêtes fabuleuses pour le bien-être, le confort et le développement de l’homme. Sans parler du football, du carnaval que vous pratiquiez déjà**

dans vos rituels cannibales et qui est devenu le plus grand spectacle de la Terre (TORRES, 2015, p.178, grifo nosso).

E conclui apontando que, se há novos problemas na sociedade brasileira contemporânea, a violência, presente desde a época de Cunhambebe, persiste: “Malgré tout, tu peux encore te vanter d’une chose : à ton époque il n’y avait ni chômage, ni famine, ni misère, ni favela. D’accord, il y avait de la violence. Mais, aujourd’hui, ce n’est pas ça qui manque” (TORRES, 2015, p. 179).

No que concerne aos indígenas, Torres conclui que “des millions d’Indiens qui existaient avant l’arrivée des Européens, il n’est resté qu’une poignée de survivants, confinés dans des réserves, privés de la richesse d’autrefois en faune et en flore” (TORRES, 2015, p. 171). Ele traça aqui a difícil realidade daquelas que permanecem: “[i]ls portent des jeans et des tee-shirts, chaussent des tongs et ministériels, où ils tentent de défendre leurs us et coutumes, leur survie et, bien sûr, la préservation de l’espèce” (TORRES, 2015, p.171). Por fim, o personagem-narrador esclarece, “[i]ls sont différents de nous et ne veulent être que ce qu’ils ont toujours été. Ce que les Blancs n’ont jamais voulu comprendre” (TORRES, 2015, p. 171).

Rassier (2013) sublinha que através do personagem-narrador que interroga o passado e questiona o presente, se desenvolve uma linha entre história e atualidade:

C’est au travers du personnage de l’écrivain dédoublé en enquêteur qu’est développée une ligne diégétique ancrée dans la contemporanéité (la fin du XX^{ème} siècle, le début du XXI^{ème} siècle) qui tisse des liens entre des épisodes historiques lointains et des problèmes de l’actualité : la place de l’Amérindien dans la société brésilienne, dans le premier cas ; le problème de la violence à Rio de Janeiro, présenté comme une ville prise en otage par les trafiquants de drogue, dans le second. (RASSIER, 2013, p. 209).

Conforme o próprio Torres ressalta, no que se refere à relação entre história, a atualidade e a construção de identidade, a comemoração dos 500 anos do Brasil em 2000, quando foi publicado seu livro, levou o povo brasileiro a refletir mais sobre esse tema. Segundo o autor,

De repente percebemos que os índios fazem parte dela. E mais: que **somos índios**. No fundo, no fundo, por trás de todo o oba-oba, percebemos que ha algo da **derrota dos nativos que serve de espelho para nossas derrotas cotidianas**. Nestes 500 anos, construímos um país, sim, multifacetado, multicultura, multitudes. E com um potencial humano e econômico fantástico. **Mas cujo povo ainda não está no centro da história. Fica à margem, cada vez mais periférico.** (DAMULAKIS, 2000, grifo nosso).

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

De acordo com Piégay-Gros (2002, p. 13), “un livre se survole ou se dévore; on le parcourt ou l’on est plongé dedans: il est un espace singulier, un objet que l’on peut s’incorporer”. No presente estudo, sobrevoamos e percorremos os entornos de *Mon cher cannibale* de Antônio Torres, a partir da revisão de literatura e dos paratextos, mas principalmente o devoramos e mergulhamos nele na busca do perfil indígena que foi traçado por Torres em uma (des)construção histórica e identitária.

Revisamos, no desenvolvimento deste trabalho, as grandes linhas da obra de Antônio Torres, notando a relevância das questões relativas à história e literatura. Analisamos alguns dos trabalhos acadêmicos sobre *Meu querido canibal*, que priorizam a análise da identidade indígena relacionada a construção da história. Realizamos uma análise comparada dos paratextos entre a versão original em português (Editora Record, 2000) e a versão francesa (Editions Pétra, 2015), baseando-nos na teoria do *Paratexto Editorial* de Gérard Genette, bem como na noção de paratradução de Yustes Frías.

Vimos que a capa brasileira traz imagem, dá indícios de tempo e espaço, no qual reconhecemos a Baía de Guanabara, cartão postal da cidade do Rio de Janeiro, e apresenta o indígena em situação específica, de defesa ou ataque, com seu arco tensionado. Porém a capa francesa corresponde ao padrão da coleção, ou seja, não é figurativa, apresenta uma espiral em fundo branco, mas traz dois elementos que a identificam como tradução de uma obra estrangeira: título da coleção e menção a *traduit du portugais (Brésil)*. Analisando as capas e contracapas encontramos um contraste interessante entre as duas versões, sendo que na versão brasileira há a imagem de um indígena em guarda no Corcovado, enquanto na contracapa da tradução encontramos a imagem dos navios de europeus chegando ao Brasil, o que pode marcar o ponto de partida e o público de cada uma das versões, propondo pactos de leitura bastante diversos.

Quanto às estratégias de tradução, também encontramos traços interessantes relacionados a elas, pois Stoenesco optou pela utilização de notas de rodapé no que se refere a alguns vocábulos estrangeiros, no entanto, nem estas notas seguem uma padronização, visto que algumas palavras, como “ingazeira” e “saudade”, não recebem tais notas e outras recebem, como “pajé” e “restinga”. Além disso, o posfácio presente na tradução, também consiste em um paratexto fundamental para o estabelecimento do pacto de leitura, pois a autora (Rita Olivieri-Godet)

apresenta uma das várias visões possíveis sobre a obra de Torres. Em que “la fictionnalisation de l’histoire, telle qu’elle apparaît dans le roman, permet la réécriture et la re-sémantisation de faits qui configurent l’histoire du Brésil, en réintégrant le point de vue des Amérindien [...]” (GODET apud TORRES, 2015, p. 190).

Por fim, a partir da relação entre história e literatura, analisamos a (des)construção da identidade indígena proposta por Torres. O personagem-narrador desse livro nos leva a uma viagem na qual relata em primeiro momento o que teria acontecido na história quando da chegada dos europeus ao Brasil, as lutas travadas, as relações, desavenças e alianças estabelecidas - como a amizade entre indígenas e franceses - e, em seguida, a busca pelos vestígios que ficaram de tal história, e principalmente, como é visto o personagem Cunhambebe, através da história e na contemporaneidade. Algumas das representações encontradas pelo personagem-narrador de Torres estavam baseadas em informações errôneas, as quais ressaltavam o silenciamento da voz indígena na história.

Vimos que Antônio Torres busca (des)construir a representação que se tem, atualmente, da identidade indígena daqueles que viveram a época da chegada dos europeus. Ele tenta redesenhar a história destacando a importância dos indígenas no desenvolvimento da identidade brasileira. O autor procura, através da figura de Cunhambebe, ressaltar as características dos indígenas que foram apagadas ou negligenciadas pela História oficial e sublinha o extermínio de que foram vítimas: “On pourrait résumer leur histoire en une ligne : ‘Les premiers temps furent marqués par la lutte incessante contre les Indiens tupinambas.’ Point” (TORRES, 2015, p. 153).

Apesar de existir a lei que obriga o ensino da cultura indígena nos ensinos fundamentais e médio, como vimos na introdução a este trabalho, é necessário o desenvolvimento de práticas de ensino relacionadas a esse tema, que promovam o saber ler a história, ou seja, que ensinem aos leitores como ter uma postura crítica frente aquilo que nos é apresentado. Podemos notar que os estudos relacionados ao povo indígena estão ganhando cada vez mais espaço na literatura brasileira e também estrangeira, como percebemos a partir da tradução de *Mon cher cannibale* (2015). Mas o lugar dado ao indígena ainda é pequeno e fundamentalmente baseado nos relatos da história oficial.

Torres busca apresentar uma perspectiva distinta da história na (des)construção da identidade indígena e, conseqüentemente, também da identidade brasileira. E no que se refere à identidade, Bernd (2003) ressalta que

[a] construção de uma nação passa pela recuperação e afirmação da identidade nacional a qual se funda num patrimônio comum de mitos, lendas, tradições orais e feitos históricos com seus respectivos heróis. A preservação deste patrimônio é o legado maior que uma geração transfere à outra. (BERND, 2003, p. 89).

Portanto, conforme aponta Rassier (2010, p. 70), “[...] o combate à ‘colonização do imaginário’ (GRUZINSKI, 1988) empreendido por Antônio Torres ultrapassa as fronteiras do literário e vai muito além da época e do caso específico de Cunhambebe”. Percebemos, assim, a importância de revisitar a história através de variadas perspectivas e a relevância da literatura nessa trajetória.

O objetivo do presente trabalho foi estabelecer um contato com outra área, visto que minha experiência de leitura focalizava em textos filosóficos inicialmente e linguísticos posteriormente; e em realizar uma leitura de um texto da literatura brasileira traduzido para o francês. Tendo sido aceita em junho de 2017 pelo Ministério da educação francês como *assistante de langue portugaise* para ensinar português por um período de sete meses no ensino médio na Martinica, a reflexão desenvolvida no presente trabalho servirá como base para minhas aulas sobre a história e a literatura do Brasil. Além disso, a recente tradução francesa de Stoenesco permitirá ampliar a abordagem do romance de Antônio Torres.

Nesse sentido, este Trabalho de Conclusão de Curso no âmbito de minha graduação em Letras-Francês tem uma relação direta com a prática pedagógica que desenvolverei a partir de outubro de 2017 junto aos alunos da Martinica. Retomando a citação de Chambard (2015, p. 17) apresentada na introdução deste trabalho, a literatura “agrandit nos territoires intérieurs, élargit nos horizons”.

REFERÊNCIAS

- BENNASSAR, Bartolomé. Du bois et du sucre. **L'Histoire**. Paris, n. 366, jul-ago, 2011.
- BERND, Zilá. **Literatura e identidade nacional**. 2. ed. Porto Alegre: Ed. UFRGS, 2003.
- CAMINHA, Pero Vaz de. **A carta de Pero Vaz de Caminha**. Disponível em: <http://objdigital.bn.br/Acervo_Digital/livros_eletronicos/carta.pdf> . Acesso em: 13 jul. 2017.
- CHAMBARD, Claude (dir.). **Lire c'est vivre plus**. Chauvigny: L'Escampete, 2015.
- CHEROBIN, Nicoletta. Gérard Genette. Paratextos Editoriais. DOI: 10.5007/2175-7968.2011v2n28p225. **Cadernos de Tradução**, Florianópolis, v. 2, n. 28, p. 225-229, dez. 2011. ISSN 2175-7968. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/traducao/article/view/2175-7968.2011v2n28p225>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- DOURADO, Bruna Lago; ASSIS, Maria Aurinívea Souza de. **Meu querido canibal: dessacralização de discursos**. 2011. Disponível em <<http://www.antoniotorres.com.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.
- FUNAI. **Índios no Brasil**. Disponível em: < <http://www.funai.gov.br/>>. Acesso em: 20 jan. 2017.
- FRÍAS, José Yuste. Paratraducción: la traducción de los márgenes, al margen de la traducción. **DELTA**. São Paulo, v. 31, 2015. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext=S0102-44502015000300013&Ing=en&nrm=iso>. Acesso em: 26 jun 2017.
- GENETTE, Gérard. **Paratextos editoriais**. São Paulo: Ateliê Editorial, 2009.
- GODET, Rita Olivieri. **Entre discursos: literatura e história em Meu querido canibal**. 2010. Disponível em: <<http://www.antoniotorres.com.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

GONCALVES, Marco Antonio. Pérola imperfeita: a história e as histórias contadas por Adriana Varejão. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, São Paulo, v. 31, n. 90, p. 167-172, fev. 2016. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-69092016000100167&lng=en&nrm=iso>. Acesso em: 20 jun. 2016.

GUZMÁN, Décio de Alencar. L'Indien et le Jésuite. **L'Histoire**. Paris, n. 366, jul-ago, 2011.

MAGALHÃES, José Domingo Gonçalves de. **Confederação dos Tamoios**. Rio de Janeiro: Secretaria de Cultura do Estado do Rio de Janeiro, 1994.

MEC. UNESCO – **Documento Técnico Consolidado**. 2012.

Disponível em:

<http://portal.mec.gov.br/index.php?option=com_docman&view=download&alias=34951-documento-tecnico-historia-cultura-povos-indigenas-pdf&Itemid=30192> Acesso em: 15 mai 2017.

MOTA, Lilian Dianne Bezerra. “Meu querido canibal” – A identidade brasileira: Reflexo do passado, presente e futuro. **Recanto das Letras**. 2007. Disponível em <<http://www.antoniotorres.com.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

NOGUEIRA, Juliana de Souza Gomes. A construção do perfil indígena em *Meu querido canibal*, de Antônio Torres. **Patrimônio e Memória**. São Paulo, Unesp, v. 10, n. 2, p. 125-140, jul-dez, 2014.

NOVAES, Claudio Cledson; REIS, Mirian Sumica Carneiro. **Hans Staden, José de Alencar e Antônio Torres**: representações do índio e a invenção da identidade brasileira. 2009. Disponível em: <<http://www.antoniotorres.com.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

PEREIRA, Elvya Shirley Ribeiro. **Imagens inaugurais e cenas urbanas**: recorrências identitárias em *Meu querido canibal*. 2008. Disponível em <<http://www.antoniotorres.com.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

PERRONE-MOISES, Beatriz; SZTUTMAN, Renato. Notícias de uma certa Confederação Tamoio, In: **Mana**, v. 16, n. 2, p. 401-433,

2010. Disponível em: <<https://pt.scribd.com/document/66478834/Bia-Perrone-e-Renato-Sztutman-Confederacoes-Tamoio>>. Acesso em: 21 jan. 2017.

PETRA, Editions. **Voix d'ailleurs**. Disponível em : <<https://www.editionspetra.fr/collection/voix-dailleurs>>. Acesso em: 13 jul. 2017.

PIEGAY-GROS, Nathalie. **Le lecteur**. Paris: Flammarion, 2002.

RASSIER, Luciana Wrege. La francophonie: littératures d'expression française et traductions littéraires. In : VIII Semaine de Cultures Francophones de l'UFPE, 2008. Recife. **Voices da periferia: traduções francesas de autores do sul do Brasil**, Editora Universitária da UFPE, 2008, p. 62-68.

_____. Réécriture et cannibalisation de l'histoire par la littérature dans l'œuvre du romancier Brésilien Antônio Torres, In: **Les échanges culturels internationaux France, Brésil, Canada-Quebec**. La Rochelle, 2013.

_____. (Re)pensando a História a partir da Literatura: Meu querido canibal, de Antônio Torres. **Fragmentos**: Revista de Língua e Literatura Estrangeiras, Florianópolis, v. 21, n. 2, p. 61-71, jun. 2010. ISSN 2175-7992. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/fragmentos/article/view/29650>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

RIOS, Normeide da Silva. Na reescrita da história, a (des)construção da identidade nacional: uma leitura de *Meu Querido Canibal* e *O Nobre Sequestrador*. **Littera Online**. 2011. Disponível em <<http://www.antoniotorres.com.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

SANTOS, Eloína Prati dos Santos. **A viagem de índio até a brasilidade**: Antônio Callado, Moacyr Scliar, Assis Brasil e Antônio Torres. 2014. Disponível em: <<http://www.antoniotorres.com.br/>>. Acesso em: 21 jun. 2016.

TARQUINIO, Márcia Cristina Valle. **Figurações Identitárias França-Brasil em O nobre sequestrador de Antônio Torres**. 2016. Disponível em: <<http://www.ile.cce.ufsc.br/cursos/frances/>>. Acesso: 20 jan. 2017.

THOMAS, Olivier. Le rêve brisé de Villegagnon. **L'Histoire**. Paris, n. 366, jul-ago, 2011.

TORRES, Antônio. **[Entrevista]** do autor ao Grupo Editorial Record. Disponível em: <http://www.record.com.br/autor_entrevista.asp?id_autor=2380&id_entrevista=75>. Acesso em: 30 jun. 2016.

_____. **[Entrevista]** do autor à Gerana Damulakis, V Congresso de Estudos linguísticos e literários. 2000. Disponível em: <<http://www.antoniotorres.com.br/>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

_____. **[Entrevista]** do autor a Marcelo Moutinho, Tribuna da Imprensa, 2000. Disponível em: <<http://www.antoniotorres.com.br/>>. Acesso em: 30 jun. 2016.

_____. **Meu querido canibal**. Rio de Janeiro: Record, 2000.

_____. **Mon cher cannibale**. Tradução de Dominique Stoenesco. Paris: Éditions Petra, 2015.

_____. **O nobre sequestrador**. Rio de Janeiro: Record, 2003.

_____. **[Site do autor]**. Disponível em: <<http://www.antoniotorres.com.br/>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. Disponível em: <<http://www.academia.org.br/academicos/antonio-torres>>. Acesso em: 20 jun. 2016.

_____. Disponível em: <<http://www.salondulivreparis.com/Antonio-Torres.htm>>. Acesso em: 30 jun. 2016.